



**A HOMOSSEXUALIDADE MASCULINA NA CONCEPÇÃO DA LIGA BRASILEIRA  
DE HIGIENE MENTAL (1925-1947)**

Danilo Gomes de Oliveira<sup>1</sup>  
Ana Cláudia Rocha Tomagnini Igurrola<sup>2</sup>

**INTRODUÇÃO**

A homossexualidade foi pouco investigada pelas ciências humanas, naturais e biológicas até o final do século XIX, principalmente por duas razões: era vista como assunto de tabu na cultura ocidental cristã e um tema bastante laborioso de ser pesquisado em decorrência da “diversidade maniqueísta das opiniões dos diferentes estudiosos do assunto” (MOTT, 1988, p 20). No entanto, sob a luz do século XX, entre as décadas de 1960 e 1970, impulsionadas pelos movimentos feminista e homossexual, a homossexualidade, anteriormente ignorada pela produção historiográfica, tornou-se tema de grande investigação no campo de estudo das ciências humanas.

Nessa perspectiva, o novo campo do saber histórico fomentou insígnias investigações que podem ser entendidas em duas vertentes que, em momentos, divergem por seus objetos e interrogações, mas que nem sempre são opostos. De um lado, a vertente que teve como horizonte, em seus estudos, descortinar as “vivências e do cotidiano da sexualidade, priorizando o estudo dos comportamentos reveladores dos variados usos do corpo” (ENGEL, 1997, p 298) e, por outro lado, traçar a história dos discursos sobre o sexo, apropriado pelas considerações do pensador francês Michel Foucault. Dessa forma, o presente trabalho se inscreve nessa última vertente de análise, tendo por objeto os discursos da Liga Brasileira de Higiene Mental (LBHM) das décadas de 1925 e 1947 referente à homossexualidade masculina.

Os discursos sobre a sexualidade se transformam e se moldam conforme sua temporalidade, influenciado pelo contexto histórico e modelo político, social e econômico vigente da época. E, para investigar esse tema é preciso recuar aos séculos XVIII e XIX. Naqueles

1 Graduando da licenciatura plena em História pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB. Endereço eletrônico: danilogomesoliveira@gmail.com.

2 Professora Assistente do Departamento de História da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, doutoranda em Estudos Interdisciplinares de Gênero, pela Universidad de Salamanca, Salamanca, Espanha. Endereço eletrônico: anacitrica@gmail.com.



séculos, grande parte das sociedades ocidentais vivenciaram várias transformações sociais que foram desde a forma de pensar racional da sociedade e de suas instituições, a urbanização e avanços tecnológicos, bem como, no século XIX, a necessidade de buscar respostas ao sentido da vida e inquietações do espírito. Dessa forma, tais implicações cotidianas foram os pressupostos para a medicina legitimar seu lugar no mundo ocidental. A cidade passou a ser vista como um ambiente patogênico, de modo que a transmissão de doenças e o surgimento de epidemias prejudicavam a circulação da água, a qualidade do ar e a aglomeração de pessoas (FOUCAULT, 1979). É neste contexto que o sexo foi posto no discurso do saber médico, no qual “a medicina social vai dirigir-se à família citadina, procurando modificar a conduta física, intelectual, moral, sexual e social dos seus membros com vistas à sua adaptação ao sistema econômico e político” (COSTA, 2004, p. 33). Não são por coincidência que a homossexualidade e o sexo reprodutivo foram os primeiros a serem investigados.

A família burguesa preocupada em reproduzir descendentes saudáveis, tratou de educar e controlar sua prole por meio de uma ordem médica e uma norma familiar que fossem capazes de assegurar sua hereditariedade. A “moralidade burguesa, especialmente no tocante à sexualidade, fazia duras exigências e impunha tensões sem precedentes às classes médias” (GAY, 1988, p 51). É nesse sentido que a instituição médica, entre a passagem do século XVIII para o século XIX, tratou o sexo como dispositivo de poder; dispositivo esse, bio-poder do qual fala (FOUCAULT, 1977), responsável pela manutenção da família citadina legitimada pela instituição médica.

Esboçada no ensejo das discussões do século XIX, a teoria da degenerescência foi tida como revolucionária para época, propagando-se para além do âmbito científico e inserindo-se nas camadas sociais. Precursor dessa teoria, o psiquiatra francês Benedict Augustin Morel afirmava que as práticas mundanas como o vício, anormalidades e perversões sexuais poderiam ser transmitidas hereditariamente, levando a degeneração racial das famílias citadinas. Com a aceitação e propagação dessa teoria, a medicina voltou seu olhar para indivíduos de sexualidade considerada desviante e comportamento visto como anormal, que ameaçavam o melhoramento de raça. Nessa sequência, em meados do século XIX, tendo como modelo normativo a homossexualidade, os médicos passaram a diagnosticar e categorizar “leprosos, idiotas, epiléticos, nefrolíticos e deficientes mentais”, como indivíduos que colocavam em risco o futuro da raça. É, justamente nesse cenário, que a homossexualidade começa a ser objeto de investigação.

Nossas fontes se inscrevem também neste cenário de investigação e medicalização do sexo, no qual a homossexualidade era vista como prática de “grandes degenerados,



toxicômanos e desajustados de psiconeuroses”. Os Arquivos Brasileiros de Higiene Mental, órgão oficial da LBHM, tinham como finalidade divulgar periódicos que pudessem orientar e potencializar as ideias de higiene mental e eugenia, objetivando:

[...] a) prevenção das doenças nervosas e mentais pela observância dos princípios da higiene geral e especial do sistema nervoso; b) proteção e amparo no meio social aos egressos dos manicômios e aos deficientes mentais passíveis de internação; c) melhoria progressiva nos meios de assistir e tratar os doentes nervosos e mentais em asilos públicos, particulares ou fora deles; d) realização de um programa de Higiene Mental e de Eugênia no domínio das atividades individual, escolar, profissional e social (BRASIL, 1925, p. 223).

Este trabalho investiga a concepção da homossexualidade masculina segundo o ideário higienista e eugenista disseminado pela Liga Brasileira de Higiene Mental (LBHM), mais especificamente analisaremos artigos contidos nos Arquivos Brasileiros de Higiene Mental, periódicos esses, publicados entre 1925 e 1947. Nesses artigos, percebe-se que a LBHM, por um lado, defendia uma postura eugênica radical, que visava o melhoramento racial por meio da esterilização e exclusão dos “grandes degenerados”, por outro, esboçava o alcance da higienização da população através da construção de hábitos saudáveis e a reinserção desses “degenerados” ao meio social por meio de uma ordem médica e norma familiar especificamente da educação higiênica.

## **METODOLOGIA**

O ponto de partida para trabalhar o tema proposto consistiu na busca por um amplo referencial teórico com o objetivo de conhecer as principais discussões sobre assunto e embasar a análise das fontes. As fontes primárias analisadas foram os periódicos dos Arquivos Brasileiros de Higiene Mental entre as décadas de 1925 e 1947.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Nos periódicos do ABHM, a patologização da homossexualidade tratada por várias



das perspectivas. Neste trabalho, apresentaremos, de forma breve, os pensamentos do Dr. Renato Kehl, do Dr. Cunha Lopes e do prof. Adauto Botelho, membros efetivos da LBHM.

Dr. Renato Kehl defende a ideia de esterilização como medida complementar da política eugênica, uma vez que sendo concebida essa prática, concretizaria a ideia de indivíduos regenerados, possuidores de características ótimas, transmissíveis por herança e, ao mesmo tempo, promoveria a eliminação de anomalias e degenerados. Nessa perspectiva, Kehl salientava a necessidade de implantar tal prática na sociedade brasileira, visto que a ideia de esterilizar os degenerados era uma prática já antiga, de modo a exemplificar que o primeiro país a se submeter essa ideia foi à Suíça apresentando o caso que:

Tratava-se dos seguintes indivíduos: uma moça de 25 anos, epileptica e nymphomaniaca, uma mulher de 36 anos, idiota, sujeita a crises de agitação e de excitação genesica, um homem de 31 anos, degenerado alcoolista, um homem de 32 anos, homo-sexual recidivista e immoral (KEHL, 1925, p 73).

Dessa forma, Renato Kehl ressalta a importância de considerar a esterilização como um processo de valor eugênico, mas não um recurso capaz de, por si só, sanar os problemas da elite brasileira.

Dando seguimento ao debate, Dr. Cunha Lopes, defende que os toxicômanos usuários da cocaína, tinham em seus efeitos colaterais, em específico na ordem dos instintos, um apetite e necessidades tidos como anormais, uma afinidade eletiva, orgânica e mental, do psicopata para o tóxico, pois “esta apetencia é tanto mais uma perversão instintiva quanto tem ella por habitual cortejo de toda a serie de depravações constitucionaes: o espirito da mentira, a mythomania; - as perversões genitae, notadamente a homo-sexualidade” (LOPES, 1925, p 123).

Segundo o prof. Adauto Botelho, em seu artigo “Os perigos do alcool” vinculada à semana antialcoólica, defendia que o álcool se estende à delinquência moral e às alterações pejorativas do caráter.

As substâncias alcoólicas desequilibram o psiquismo “revelando” ou “sensibilizando” seus apasiguados para as doenças mentais – Quanta vez uma inferioridade psíquica que resiste à queda para a psicopatia, recebe do álcool o impulso fatal para a loucura! [...] Homossexuais frustrados em sua adaptação biológica, mergulha no alcool suas tendencias e se desenvolvem cronicidade da doença mental (BOTELHO, 1947, p 84).



Estes recortes dos periódicos do ABHM têm por finalidade apresentar a concepção da patologização da homossexualidade pela Liga Brasileira de Higiene Mental, que era compreendida como uma doença proveniente de outras patologias e pelo uso de substâncias como álcool e cocaína.

### CONSIDERAÇÕES

A sexualidade, segundo a educação higiênica, conseguiu em grande parte moldar mulheres e homens em reprodutores e defensores de proles sãs, na medida em que as práticas sexuais masculinas e femininas se reduziam apenas no papel do pai e da mãe. No entanto, esta mesma educação proporcionou um surto de opressão sexual no interior familiar. O homossexual tornou-se emblema de repressão, indivíduo de comportamento desviante, portador de distúrbio psíquico revelado e impulsionado por outras patologias como o vício em drogas e álcool.

**Palavras-chave:** Homossexualidade. Arquivo Brasileiro de Higiene Mental. Toxicômanos. Álcool. Psiconeuroses.

### REFERÊNCIAS

BOTELHO, Adauto. Os perigos do álcool. **Arquivos Brasileiros de Higiene Mental**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 83-85, 1947.

BRASIL. Decreto-lei n. 4.778. Estatutos da Liga Brasileira de Higiene Mental. Capítulo I: denominação, organização, sede e fins da Liga. **Arquivos Brasileiros de Higiene Mental**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 223-234, 1925.

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem Médica e Norma Familiar**. Rio de Janeiro, Edições Graal, 2004.

ENGEL, Magali. História e Sexualidade. In: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo



(org.) **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia.** Campus. Rio de Janeiro, 1997.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A Vontade de Saber.** Rio de Janeiro, Edições Graal, 1977.

\_\_\_\_\_. **O Nascimento da Medicina Social** In: Microfísica do poder. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1979.

GAY, Peter. **A experiência burguesa: da Rainha Vitória a Freud. A educação dos sentidos.** São Paulo, Companhia das Letras, 1988.

KEHL, Renato. A Esterilização dos Grandes Degenerados e Criminosos. **Arquivos Brasileiros de Higiene Mental**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 69-74, 1925.

LOPES, Cunha. Prophylaxia social das toxicomanias. **Arquivos Brasileiros de Higiene Mental**, Rio de Janeiro, v.1, n. 1, p. 117-129, 1925.

MOTT, Luiz. **Escravidão, Homossexualidade e Demonologia.** São Paulo, Ícone, 1988.